

TRAZENDO O SABÃO DE VOLTA À VIDA: DISCUTINDO NATUREZA/CULTURA E SUBSTÂNCIA/OBJETO À LUZ DAS IDEIAS DE TIM INGOLD

BRINGING THE SOAP BACK TO LIFE: DISCUSSING NATURE/CULTURE AND SUBSTANCE/OBJECT IN LIGHT OF TIM INGOLD'S IDEAS

*Hugo de Carvalho Ferreira**

Cite este artigo: CARVALHO, Hugo de Ferreira. Trazendo o sabão de volta à vida: discutindo natureza/cultura e substância/objeto à luz das ideias de Tim Ingold. Revista *Habitus: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p.19-32, Agosto. 2016. Semestral. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus>>. Acesso em: Agosto. 2017.

Resumo: O presente artigo é inspirado nas ideias do antropólogo Tim Ingold. Na mesma direção de sua crítica ao modelo hilemórfico – onde os objetos são entendidos como a camada de cultura e forma dada pelo homem às substâncias, matéria bruta e natural – busca-se aqui fazer um exercício teórico tendo como exemplo o sabão: afinal, seria o sabão uma substância dada na natureza, ou um objeto, parte da cultura material? Nesse sentido, em consonância com a linha teórica de Ingold, propõe-se uma compreensão do sabão enquanto uma coisa, pertencente ao mundo da vida e ao fluxo e movimento dos materiais.

Palavras-chave: Tim Ingold; natureza/cultura; modernidade

Abstract: The present article is inspired by the anthropologist Tim Ingold's ideas. Following his critics against the hileomorphic model – in which objects are understood as the layer of culture and form given by man to the substances, raw and natural materiality - it aims to do a theoretical exercise taking the soap as example: after all, would be soap a substance given in nature, or an object, part of material culture? In this sense, following Ingold's train of thought, it is suggested a comprehension about soap as a thing, belonging to the world of life and materials flows and movements.

Keywords: Tim Ingold; nature/culture; modernity

Meu atual campo de pesquisa e estudo diz respeito às ecovilas ou comunidades intencionais. A título de uma breve ilustração, de um modo geral, essas comunidades são habitadas por indivíduos que têm determinados princípios ecológicos (em geral a chamada permacultura) como centrais para suas vidas, e assim, apresentam outras formas de viver, pensar e se relacionar com animais, plantas, alimentos, céu, etc.

O *insight* para o presente artigo ocorreu enquanto assistia a um vídeo sobre uma determinada ecovila. No vídeo, um dos habitantes falava sobre o jardim/horta em frente à cozinha:

[...] a permacultura é a ciência de estabelecer as conexões entre os elementos, assim como são nos ecossistemas... tem várias coisas conectadas aqui: a necessidade de alimentos e temperos com a cozinha, e a água cinza, ou seja, a água que vem da pia, com sabão dos chuveiros, etc., essa água cinza também vem pra horta... ela vem por aqui e chega aqui nesse lugar aqui embaixo, onde tem um buraco e bastante composto de madeira, e as plantas ao redor aproveitam essa água com nutrientes que vem da cozinha. A gente só usa sabão natural que a gente mesmo faz, a gente não usa detergente, o qual é uma substância artificial que imita sabão, que é produzido no polo petroquímico [...] o sabão é uma coisa que a gente mesmo faz e não contamina os alimentos e o meio ambiente. Então a gente transforma os resíduos como do sabão e do resto de comida em tomates, feijões, pepino, girassol e outras coisas, que acabam retornando para a cozinha.

Embora o processo de produção de sabão não seja explicitado neste vídeo, sabe-se que muitas destas comunidades possuem técnicas artesanais de produção. Mas o ponto interessante a se notar na fala citada é que o sabão faz parte de um fluxo de materiais e nutrientes – da produção local à cozinha, da cozinha para a água cinza (em sua forma residual), sendo incorporado pelas plantas e retornando à cozinha na forma de alimento. Ora, pode-se perguntar, mas onde o sabão terminou? Na pia, na água, no solo, nos alimentos ou novamente na cozinha? É claro, a provocação que se faz aqui por meio da explicação sobre o sabão-cozinha-horta, é que o início e fim dos objetos e coisas podem não ser tão óbvios.

Ao que parece, no que diz respeito ao exemplo da ecovila em questão, estamos diante de um “sujeito ecológico”, que no sentido dado por Steil e Carvalho (2014) se refere ao sujeito que para além da preocupação ambiental tende a superar dicotomias como humano e animal, sujeito e objeto, pensando o mundo como fluxo, rede e processo. De certa maneira, pode-se contrastar esse “sujeito ecológico” com o “sujeito moderno” no sentido conferido por Latour (1994), i.e., aquele que entende o mundo com base na purificação da distinção entre natureza e cultura, objeto e substância, animal e humano.

Por exemplo, comparemos essa perspectiva ecológica com a ideia de sabão nas sociedades modernas. Ao que parece, o sabão é usualmente associado às barras e tabletes coloridos e aromatizados, os quais têm início nas prateleiras dos supermercados e que têm fim nas pias. Logo, vê-se a diferença entre as concepções de sabão entre empregadas pelo sujeito ecológico e pelo sujeito moderno (enquanto tipos ideais), e o pressuposto aqui é que essas concepções estão associadas a diferentes perspectivas sobre as coisas e o mundo.

Dito isso, no que tange às questões metodológicas deste ensaio, pode-se questionar, por que o sabão? Esta não foi uma escolha exatamente planejada, mas não obstante, parece ser um bom ponto de partida uma vez que o termo “sabão” é aplicado a coisas com diversas texturas, formas, odores, consistências, e possui um claro caráter efêmero. Assim, o sabão (ou sabões, como será argumentado) se situa numa zona limítrofe entre a distinção usual entre materialidade (natureza crua) e a cultura material (objeto formatado e perene).

Dessa maneira, em relação ao que seria o sabão, busca-se explicitar um contraste entre a concepção “hilemórfica” e aquela dos “materiais da vida”. A concepção hilemórfica é também a perspectiva científica dominante e *lato sensu*, e postula que o mundo natural seria feita a partir de substâncias, elementos físico-químicos regidos por leis naturais. O mundo artificial seria fruto da intenção e engenho humano, originado a partir da transformação da matéria bruta em objetos (ou seja, da transformação da natureza). Portanto, a concepção hilemórfica se baseia sobretudo na distinção entre natureza e cultura (oposição crucial para o pensamento ocidental). Assim, embora os objetos sejam elementos da cultura e o do mundo artificial, estes também são formados a partir da matéria, substâncias – ou simplesmente, natureza. Para ilustrar tal pensamento, serão apresentadas posteriormente algumas ideias dos autores Karl Marx e Clifford Geertz.

No pólo oposto, será abordada a concepção dos “materiais da vida” com base nos conceitos e ideias de Tim Ingold, que em poucas palavras, privilegia o fluxo e o devir das coisas no mundo, e dessa maneira, põe em questionamento as distinções entre natureza e cultura, substância e objeto. Para o autor, o mundo é um emaranhado criativo, vivo, sendo o privilégio das formas e dos aspectos culturais meros resquícios de uma visão antropocêntrica das coisas. A antropologia de Ingold tem profundas raízes na fenomenologia de Merleau-Ponty (STEIL & CARVALHO, 2013) e na ecologia de Bateson (VELHO, 2001), onde a percepção não é uma mera interpretação do mundo (tal qual entende a antropologia semiótica), mas um estar num mundo que se abre. Não se trata de um mundo pronto a ser “representado” pelos humanos, mas de um mundo inacabado, em movimento e em constante transformação, onde o “humano” (se é que isso possa ser dito) é apenas mais um modo de habitar entre tantos outros (usa-se aqui “habitar” uma vez que esse termo faz parte do vocabulário de Ingold, referindo-se ao “habitante” enquanto um devir integrante e transformador do ambiente).

De qualquer modo, os conceitos relativos ao modelo hilemórfico e à teoria de Ingold serão abordados posteriormente. Por ora, vale salientar que não há nenhuma intenção aqui (e tampouco capacidade) de se fazer uma investigação pormenorizada sobre o sabão em diversos povos e tempos. O que se pretende é explorar uma visão geral de como o sabão pode revelar fundamentos e concepções em torno de questões antropológicas tais como natureza/cultura, substância/objeto. Mas antes disso, pergunta-se uma vez mais: o que é o sabão?

1. O que é o sabão?

Como uma primeira aproximação, buscou-se por uma definição dos termos sabão e *soap* nos seguintes dicionários: Dicionário Michaelis, Dicionário Aurélio, *Oxford Dictionaries*,

Cambridge Advanced Learner's Dictionary, MacMillanDictionary, General Chemistry online Glossary. Após a busca, optou-se por desambiguar os resultados focando apenas na categoria gramatical “nome”, já que existem outros usos em expressões informais e gírias. Vejamos os resultados:

Dicionário Michaelis: 1) substância detergente, usada com água para lavar roupa, utensílios, superfícies etc., obtida pelo tratamento de uma gordura com um álcali e consistindo essencialmente nos sais de sódio ou potássio dos ácidos contidos na gordura; 2) pedaço dessa substância solidificada; 3) qualquer sal metálico de ácido derivado de gordura.

Dicionário Aurélio: 1) produto resultante da saponificação de uma substância gorda por um álcali que serve para branquear roupa, para lavar e desgordurar; 2) um pedaço desse material.

Oxford Dictionaries: a substance used with water for washing and cleaning, made of compound of natural oils or fats with sodium hydroxide or another strong alkali, and typically having perfume and coloring added.

Cambridge Advanced Learner's Dictionary: a substance used for washing the body that is usually hard, often has a pleasant smell, and produces a mass of bubbles when rubbed with water, or a piece of this.

MacMillan Dictionary: a substance that you use with water to wash your body or an object. It can be a liquid, but is usually a solid piece called a bar of soap.

General Chemistry online Glossary: A salt of a fatty acid. For example, sodium stearate is a soap made by neutralizing stearic acid. Commercial soaps are mixtures of fatty acid salts.

Após essa curta inquirição, alguns pontos interessantes podem ser destacados. Em primeiro lugar, há uma comum caracterização química em termos de substância, agente limpante ou emulsificante, obtida através do processo de saponificação, onde se reage um ácido graxo (ou ácido gorduroso) com uma base, obtendo-se um sal gorduroso com uma extremidade polar; as definições mencionam o seu típico uso, incluindo locais de limpeza e objetos a serem limpados; e seus efeitos e características secundárias como odores, cores, produção de bolhas, etc.

Saliente-se que o *General Chemistry online Glossary* define sabão exclusivamente por suas propriedades químicas, sem qualquer menção ao seu uso ou efeitos. Assim, o leitor poderia ser levado a pensar que o sabão é algo natural o qual se utiliza para fins de limpeza.

No entanto, vale ressaltar um detalhe que aparece em algumas das definições: “pedaço dessa substância”, “um pedaço desse material” ou “*a piece of this*”. Mas o que seria um pedaço dessa matéria? Por que se faz menção a uma parte da substância-sabão? Como contraste, basta buscar pelo termo água – também se obtém definições como substância, mas nada como “um pedaço desse material”.

Aparentemente, tanto as definições pelos usos e efeitos, ou aquelas como “pedaço de” apontam para um impasse. Embora as ciências naturais tenham sua definição em torno de sais de origem gordurosa, usualmente o sabão é vivido como aquilo que se usa na cozinha e no ba-

neiro para lavar coisas. E ainda mais, a repetida menção ao “pedaço”, parece-me, é uma referência ao sabonete ou ao objeto-sabão – aquilo que as pessoas habitualmente usam.

Mas essas observações servem para quê? A presente hipótese é que embora o sabão possa ser entendido pelos habitantes de ecovilas como uma coisa resultante do fluxo de nutrientes, ou como uma substância química pelas ciências, os indivíduos “modernos” entendem o sabão principalmente como um tablete, e ainda como gel ou líquido, mas sobretudo como um objeto, algo que se usa pra lavar. De certa forma, essas definições dos dicionários tentam acomodar a substância (ácidos graxos com um polo hidrofílico), suas propriedades e uso (limpeza), e ainda, sua objetificação (tablete, barra ou gel).

Com efeito, ao se fazer uma simples busca pela palavra sabão no Google imagens, vê-se uma predominância avassaladora de barras e tabletes de inúmeras cores, com formatos variando principalmente entre quadrados e retângulos. Ora, quadrados e retângulos parecem formas estranhas para óleos e gorduras! Ainda que o sabão em formato gel e líquido também seja chamado de sabão, o fato é que eles são de algum modo objetificados nos banheiros e nas prateleiras dos supermercados. E esse é um ponto crucial: embora o sabão seja entendido como dotado de características naturais ou substâncias, hoje ele se apresenta principalmente em sua forma artificial ou formatada.

Voltaremos a esse ponto, mas antes podemos investigar a etimologia da palavra sabão. Segundo o *Online Etymology Dictionary*, a palavra “soap” vem do inglês antigo “sape”, que se referia ao tingimento vermelho que os guerreiros utilizavam no cabelo; do proto-germânico “saipon” que significa “resina” ou “coisa pingante ou pegajosa”; possui uma relação com o latim “sebum”, associado à gordura, sebo. Segundo a mesma fonte, os romanos e gregos utilizavam óleos para limpar a pele (mas não sabão), e as palavras que significam sabão em algumas línguas românicas atuais (sabão, *jabón*, *savon*, *sapone*) derivam de “sapo”, que significa “pomada para colorir o cabelo”.

De acordo com essas informações, os termos antigos fazem referências a dois fatores presentes nos dicionários atuais: óleos, gorduras e resinas; e seu uso em limpeza e purificação. No entanto, é possível perceber certas diferenças: as definições antigas não fazem menção a substâncias, ácidos, agentes, mas aos materiais gordurosos os quais se tinha à mão; e ainda, não se referem a “pedaços” ou “partes” desses óleos. Novamente, à primeira vista parece que o sabão de hoje se apresenta principalmente através de uma determinada forma, artificialmente modelado, objetificado. Daí a conveniência do sabão para a presente análise, pois parece que ele se encontra numa posição ambígua entre a materialidade ou “natureza bruta” e a cultura material – e essas são as questões que serão exploradas ao longo do artigo.

2. O modelo hilemórfico

O termo hilemórfico deriva dos termos gregos *hyle* (matéria) e *morfo* (forma), e se refere ao modo como as coisas são criadas. No pensamento moderno, essa concepção se faz ainda mais presente, e os objetos são entendidos como resultado do trabalho humano impresso na

materialidade natural. Portanto, os objetos são frutos do projeto, do *design*, da intencionalidade humana, da pré-concepção de uma forma a qual se imprime na matéria. Dessa maneira, a pedra seria natural, substância; mas a estátua é caracteristicamente um produto humano, resultado do desenho, da forma pré-concebida pelo homem a qual se materializou na pedra. Segundo Ingold, é a partir desse modelo originado na filosofia grega que se constitui as noções de substância e objeto no pensamento moderno.

Como ilustração de como o pensamento ocidental se nutre da concepção hilemórfica, explicita-se aqui algumas ideias de dois conhecidos autores dos séculos XIX e XX, respectivamente, Marx e Geertz.

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que para Marx o ser humano é definido pela “capacidade de trabalho”, que por sua vez, significa capacidade de transformação da natureza. Diz Marx, “Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza” (MARX, 1996, p.297). Mais do que isso, o ser humano seria aquele ser singular o qual transforma a natureza conscientemente, racionalmente. E por isso, diz Marx, “Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem” (MARX, 1996, p.297). Essa concepção (a meu ver antropocêntrica) está explícita no trecho abaixo:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente (MARX, 1996, p.298).

Uma ideia semelhante pode ser percebida no pensamento de Geertz. No capítulo *the growth of culture and the evolution of mind*, Geertz assume uma empreitada em explicar como o cérebro humano se desenvolveu a partir de seus demais parentes primatas. Geertz segue a linha tão questionada por Ingold, buscando construir um nexos entre o desenvolvimento cerebral como condição para a humanidade e para a racionalidade, e assim, situando o humano no exclusivo grupo de seres culturais os quais transformam a natureza intencionalmente.

Essa linha teórica é patente em outro capítulo do mesmo livro, *Religion as a cultural system*, onde Geertz compara as barragens produzidas por homens e aquelas produzidas por castores:

To build a dam a beaver needs only an appropriate site and the proper materials—his mode of procedure is shaped by his physiology. But man, whose genes are silent on the building trades, needs also a conception of what it is to build a dam, a conception he can get only from some symbolic source—a blueprint, a textbook, or a string of speech by someone who already knows how dams are built—or, of course, from manipulating graphic or linguistic elements in such a way as to attain for himself a conception of what dams are and how they are built (GEERTZ, 1973, p.93).

Nesse sentido, de acordo com o modelo hilemórfico, o que seria o sabão? Um objeto/artefato, feito por humanos e com uma função característica, ou seria uma substância sem forma definida? O sabão seria o objeto-sabão parte da substância-sabão, conforme alguns dicionários sugerem? Em poucas palavras, observa-se que tal abordagem teórica resulta num dilema, uma vez que o sabão “deveria” se adequar à categoria natural ou artificial. E, conforme sugerido até o presente momento, no caso do sabão esse dilema se apresenta de forma especialmente complicada.

Assim, uma vez introduzida a perspectiva do modelo hilemórfico, pode-se e agora discutir os conceitos de Tim Ingold a fim de dar uma nova perspectiva às presentes reflexões.

3. Os materiais da vida

Pode-se dizer, *grosso modo*, que em seus últimos trabalhos Ingold vem se dedicando principalmente à desconstrução do modelo hilemórfico (2012; 2013).

Com base nos escritos de Marx e Geertz citados na seção anterior, fica evidente que para estes autores há uma distinção entre a transformação da natureza ou uso dos materiais pelos animais daquela realizada pelos homens. Os homens têm planos, projetos, intenções. De certa maneira, conforme Ingold discute em *Making things, growing plants, raising animals and bringing up children* (2000), a própria ideia de produção traz em si um fator de distinção, de corte, que separa aquilo que era antes daquilo que foi produzido. Em outras palavras, quando um homem diz que produziu uma cadeira de madeira, o que ele quer dizer? Afinal, a madeira já estava ali antes da cadeira. O que ele fez, diz-se, foi imprimir a imagem mental de cadeira ao material cru, madeira. A produção é concebida enquanto a camada de cultura ou trabalho humano sobreposto à substância, natureza, matéria inerte.

Novamente, é contra esse fundamento que Ingold escreve vividamente. E esse mesmo ponto é abordado por ele em inúmeras dimensões. Por exemplo, em sua discussão sobre os objetos e as coisas no artigo *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais* (INGOLD, 2002). Conforme o autor, o mundo está em constante movimento, fluxo, mudança, e se sabe, os objetos mais sólidos estão fadados a se desfazerem mais cedo ou mais tarde a partir da ação dos seres vivos, ar, umidade, etc., e em algum momento eles serão descartados. Pensemos numa espada. Por mais eterna que a sua forma possa parecer, tanto a lâmina quanto o cabo estão em contínua troca e transformação com o mundo. As formas não são perenes, ou melhor dizendo, as formas são as imagens mentais que projetamos. A forma é fluida. Não há tal coisa como uma espada, definido por sua forma. Conforme Klee, a ideia de uma forma estática está associada à ideia de um objeto morto, isolado do mundo e do fluxo da vida: “A forma é o fim, a morte [...] o dar forma é movimento, ação. O dar forma é vida.” (KLEE *apud* INGOLD, 2012). Assim, Ingold sugere a ideia de “coisa” para os materiais que fluem, rechaçando a noção de “objeto” como matéria formatada, como uma camada de cultura sobre a natureza.

Nessa linha, quando objetificamos uma árvore – isto é uma árvore – projetamos a imagem-árvore. Mas, questiona Ingold (2012), onde começa e termina a árvore? Nas palavras do autor:

A árvore é um objeto? Em caso positivo, como a definiríamos? O que é árvore, e o que é não árvore? Onde termina a árvore e começa o resto do mundo? Essas não são questões fáceis de responder – ao menos não tão fáceis como parecem ser no caso dos móveis no meu escritório. A casca, por exemplo, é parte da árvore? Se eu retiro um pedaço e o observo mais de perto, constatarei que a casca é habitada por várias pequenas criaturas que se meteram por debaixo dela para lá fazerem suas casas. Elas são parte da árvore? E o musgo que cresce na superfície externa do tronco, ou os líquens que pendem dos galhos? Além disso, se decidimos que os insetos que vivem na casca pertencem à árvore tanto quanto a própria casca, então não há razão para excluirmos seus outros moradores, inclusive o pássaro que lá constrói seu ninho ou o esquilo para o qual ela oferece um labirinto de escadas e trampolins. Se consideramos que o caráter dessa árvore também está em suas reações às correntes de vento no modo como seus galho e suas folhas farfalham, então poderíamos nos perguntar se a árvore não seria senão uma árvore-no-ar (INGOLD, 2012, pp. 28-29).

E assim, são esses mesmos pressupostos que distinguem a materialidade e a cultura material. A primeira, o mundo da natureza: pedras, água, madeira, metais; a segunda, muros, moinhos, martelos, espadas. E Ingold segue em sua crítica argumentando que, quando um antropólogo estuda um carpinteiro, ele descreve a identidade e valores do carpinteiro, seus objetos de trabalho, seu ambiente de trabalho, etc. – mas os materiais foram perdidos de vista, e se olha para tudo menos para a madeira.

E é daí que Ingold propõe uma outra perspectiva, rejeitando a noção de uma camada de cultura que se projeta sobre as substâncias. Ele sugere, por exemplo, a ideia de um “ambiente sem objetos”:

O mundo não é material, mas um mundo de materiais, de matéria em fluxo. Seguir esses materiais é entrar num mundo, por assim dizer, em fervura constante. No lugar de compará-lo a um grande museu ou loja de departamentos nos quais os objetos encontram-se dispostos de acordo com seus atributos ou origem, seria melhor imaginar o mundo como uma grande cozinha, bem abastecida com ingredientes de todo tipo (INGOLD, 2012, p.35).

Portanto, o que devemos fazer é seguir os materiais, e entender como eles fluem e se coisificação – sem um privilégio da ação humana sobre os materiais. Ao invés do desenho mental projetado pelo carpinteiro, devemos observar o seu engajamento com os materiais. Com efeito, no capítulo *Walking on plank: meditation of a process of skill* (2011), Ingold sugere que a função de uma coisa é determinada sobretudo a partir daquele a qual se engaja com a mesma. Embora um serrote pareça ser “naturalmente” coerente com a função de serrar, este também poderia servir a qualquer outro propósito como uma arma ou instrumento musical. Em outras palavras, para além da “substância” ou “forma”, a função de uma coisa está associada a um modo de engajamento relacionado ao sujeito que lida com esta mesma coisa.

4. Tecendo cestos, fazendo sabão

No capítulo *On weaving a basket* (Sobre tecer um cesto), Ingold (2000) inicia questionando que, segundo o pensamento moderno, artefatos são feitos; organismos crescem. Mas essa distinção pode não ser tão óbvia, e de fato só faz sentido se as coisas foram isoladas do mundo dos materiais na forma de objetos projetados – exatamente a concepção que o autor pretende demolir. Uma proposição de compreensão sobre o crescimento e movimento dos materiais é ilustrada na confecção de cestos.

Em *Making* (2013), Ingold narra uma atividade de campo com seus alunos que consistiu na tecelagem de cestos a partir de fibras de salgueiro. Segundo ele, ao olhar para um cesto acabado, as fibras parecem ter sido projetadas perfeitamente para aquela forma. Porém, ao fazer o cesto, vê-se que o material resiste ao trabalho dos alunos, e em alguns momentos atingindo os alunos enquanto estes tentavam domar o material. Ao contrário do que se poderia pensar, os alunos não tinham total controle sobre a forma dos cestos – a forma ia sendo realizada na interação dos alunos com os materiais. Não era o pensamento e projeto que faziam o cesto, mas a interação mútua, o engajamento, e que compreendia todo o corpo do aluno (se dobrando de um lado ao outro conforme o cesto tomava forma). Mais do que isso, o cesto se fazia num campo de força que compreendia o aluno, o material, o vento, etc. Nesse sentido, a produção do cesto que seria atribuída ao aluno, pode também ser entendida como um engajamento mútuo, criativo, onde outras coisas e materiais se interpenetram – em vez de uma ideia de cesto que foi projetada às fibras. O cesto não é magicamente formado, mas é fruto de um processo de crescimento, movimento. Conforme Ingold: “*even if the maker has a form in mind, it is not this form that creates the work. It is the engagement with materials. And it is therefore to this engagement that we must attend if we are to understand how things are made*” (INGOLD, 2013, p.22).

Finalmente, podemos voltar agora para o sabão. Mais especificamente, explora-se a seguir o processo de confecção de sabão descrita por Pinheiro e Giordan (2010). Os autores investigaram os saberes e o processo de preparo artesanal do “sabão de cinzas” por um grupo de mulheres no interior de Minas Gerais.

O sabão é preparado a partir de dois ingredientes básicos: as cinzas de madeira e a gordura animal. Primeiro, coloca-se as cinzas num recipiente forrado com folhas de bananeira e então se adiciona água. A água lava as partes solúveis, num processo semelhante a coagem do café, onde as folhas de bananeira funcionam como filtros. Ao mesmo tempo, espreme-se e se soca as cinzas para que a solução resultante do caldo seja mais espessa (solução essa que deve ter o mínimo possível de cinzas). Após isso, deixa-se o recipiente liberar o caldo das cinzas por alguns dias, que é então levado para a cozinha. Ali, mistura-se numa panela de ferro ou tacho de cobre a lixívia de cinzas com a gordura animal. A gordura adicionada é medida em relação à quantidade de lixívia. No entanto, uma vez que a qualidade e quantidade da lixívia são sempre diferentes (dependo do material, do trabalho de socagem, da folha de bananeira, etc.), nunca se pode fazer uma receita com uma estequiometria perfeita conforme nos livros de química. A mistura é então aquecida por um fogão a lenha, e o processo de cocção dura cerca de uma ou duas semanas,

onde as mulheres mexem a mistura, alimentam ou interrompem o fogo, etc., até atingir o “ponto”. O ponto é decidido através de experimentos como a adição de água e a consequente observação de espumas, ou ainda a própria degustação da mistura. Quando é atingido o “ponto”, a mistura é levada a outro recipiente para que esfrie o suficiente para que se possa moldar e cortar o sabão com as mãos e uma faca. Em seguida, guarda-se o material em local seco envolvido por papel ou folhas de vegetais.

Ora, muito longe de um procedimento com etapas bem definidas e pré-concebidas, a produção de sabão descrita por Pinheiro e Giordan é sem dúvida um árduo engajamento com os materiais, conforme diria Ingold. Não por acaso, a cozinha é um exemplo largamente utilizado por Ingold:

What is odd is that studies of the material culture of kitchens have generally concentrated on pots and pans, and spoons, to the virtual exclusion of the soup. The focus, in short, has been on objects rather than materials. Yet on second thoughts, this is not a division between what we find in the kitchen: objects here; materials there. It is rather a difference of perspective. Householders might think of pots and pans as objects, at least until they start to cook, but for the dealer in scrap metal, they are lumps of material (INGOLD, 2013, p. 19).

Na cozinha, as coisas são misturadas em combinações variadas, gerando nesse processo novos materiais que serão por sua vez misturados a outros ingredientes num processo de transformação sem fim. Para cozinhar, devemos abrir recipientes e retirar seus conteúdos. Temos que destampar coisas. Em face das proclividades anárquicas de seus materiais, o cozinheiro ou cozinheira tem que se esforçar para manter alguma aparência de controle sobre o que se passa. (INGOLD, 2012, p. 35).

Nessa perspectiva, os objetos e utensílios utilizados (panelas, recipientes) – o que se chama de cultura material – são apenas um dos aspectos do preparo do sabão. O que dizer da lenha usada para o aquecimento e das folhas de bananeira usadas para a filtragem? E o ar no processo de resfriamento e secagem? Estes fatores fazem parte e atuam na preparação do sabão? Assim sendo, o preparo do sabão não é um empreendimento exclusivamente humano, e sim, fruto do movimento dos materiais e interações entre eles (que sim, incluem o trabalho humano).

O sabão nunca está pronto, como um claro e bem delimitado objeto – é sempre uma mistura em transformação que é aquecida e resfriada, mexida, investigada (em sua cor, cheiro, gosto), e muitas vezes misturada com mais gordura ou cinzas conforme a percepção do cozinheiro.

Se o sabão for considerado um objeto em razão de sua forma modelada em barras ao final do processo, devemos rever as definições de sabão nos dicionários que fazem menção às substâncias. Mais ainda, o sabão tem sua forma obviamente alterada à medida que é utilizado. Porém, se o sabão for considerado em termos de sua forma (tablete, barra), onde ele deixaria de ser sabão?

Mas se o sabão não é um objeto, seria então uma substância, conforme o dicionário de química? Ora, mas então onde começou a substância-sabão? Em qual ponto estequiométrico da mistura e transformação do processo cinzas-gorduras-ar-panela-mundo? Um ponto curioso pode ser destacado em uma das falas das cozinheiras: ela diz que acha engraçado, pois precisa da gordura para fazer o sabão, mas se ficar gordura na mistura final, o sabão “não vale nada”. E o mesmo para as cinzas, que após serem coadas, devem estar fora da lixívia. Logo, segundo elas, a mistura ideal para a preparação do sabão não deve conter nem as cinzas e nem a gordura! Em última análise, a definição da substância-sabão perde de vista que o mesmo é parte da vida, das misturas, do movimento dos materiais. Afinal, seria esse sabão um artefato pré-concebido e idealizado ou uma substância pré-existente na natureza?

5. “Histórias” do sabão

De acordo com Wisniak (2002) e Emptoz (1991), atribui-se a Michel E. Chevreul a “descoberta” do sabão e do processo de saponificação no século XIX. Em linhas gerais, o processo consiste na reação entre um ácido graxo/gorduroso e uma base forte (em geral composta por sódio ou potássio), gerando álcool e sabão. A propriedade limpante do sabão se dá por sua dupla polaridade – hidrofóbica e hidrofílica – o que basicamente permite que ele se ligue a gorduras (aqueles que estão na panela) e que possam ser diluídas em água (da pia, por exemplo). Combinando ácidos graxos e bases, Chevreul determinou a “natureza” do sabão, a qual aplicou a inúmeras formas de gordura (animal, vegetal e humana) e compostos básicos/alcalinos. Nas palavras de Emptoz (1991), “Ele também descobriu que as substâncias de um sabão são derivadas da combinação de uma base com um ácido, e que todos os corpos gordurosos nascem a partir destes ácidos graxos ou sabões e da glicerina”. E assim, Chevreul e seu colega se reservaram todos os direitos sobre o uso de ácidos graxos sólidos e líquidos a partir da saponificação com potássio, sódio e outras bases. E foi a partir do estabelecimento dos princípios de saponificação que a indústria de sabão em larga escala teve origem. Com efeito, essa é a origem da parte substancial presente nas definições encontradas nos dicionários.

Então, o sabão não existia antes de Chevreul? Ao que parece, a saponificação “inventou” a substância-sabão, embora aquilo que se conhece como sabão já fosse preparado e utilizado em muitos lugares. Com a industrialização do processo de produção do sabão, uma determinada forma passou a ser produzida em larga escala até os dias de hoje, e assim, parece ter sido criada uma substância-sabão atrelada a uma determinada forma – a familiar substância modelada em tabletes. Dessa maneira, parece ter havido uma padronização do sabão, ou nos termos de Ingold, criou-se uma imagem-sabão a qual é então aplicada às coisas do mundo - aquilo que o autor chama de “lógica da inversão”.

Um exemplo interessante dessa lógica da inversão: em vários sítios eletrônicos é possível encontrar sugestões de que povos tais como os romanos ou os egípcios usavam algo como se fosse sabão (*soap-like substances*). De acordo com Gibbs em *History of manufactured soap* (1939), o sabão era desconhecido pelos egípcios e os gregos, embora existam registros de usos medicinais e higiênicos com o uso de misturas de sebo ou gordura e compostos alcalinos e cinzas

para a confecção de pomadas ou limpantes para cabelos. No entanto, Gibbs defende, não havia tal coisa que se pudesse chamar de sabão. Porém, chamar algo de “como se fosse sabão” é já introduzir uma distinção em relação ao sabão real. Mas por que essas coisas não seriam propriamente sabão? E assim, a questão mais interessante está por vir: em muitos destes sítios eletrônicos, há a afirmação de que os primeiros registros de sabão remetem à Babilônia de 2800 anos a.c. Em um deles – www.soaphistory.net - lê-se o seguinte trecho: “*Archaeologically, the first evidence for soap dates from 2800 BCE from ancient Babylon where a container was discovered containing a soap-like residue. A cuneiform tablet, again from Babylon, from much later at 2200 B.C., has a recipe for soap on it*”. Logo, de acordo com essa linha de pensamento, a evidência de um sabão na antiguidade é dada pelo registro de um molde de tablete! Em última análise, vê-se aqui um uso claro da lógica da inversão: é a imagem do sabão-objeto ou sabão-tablete que se aplica aos demais povos em busca de um “autêntico” sabão.

Nesse sentido, observa-se que o uso ou não de um sabão “real” na antiguidade é uma questão principalmente ligada à narrativa em que esta coisa se insere. Desnecessário dizer, estas narrativas ou histórias sobre uma determinada coisa podem ser conflitantes de acordo com a pluralidade dos variados sujeitos relacionados com esta mesma coisa.

Para exemplificar como as histórias e a definição de uma coisa podem variar e gerar visões conflitivas, apresenta-se o caso do “Sabonete de murmuru”. O artigo de Pimenta & Moura (2010) discorre sobre o conflito (jurídico) entre os Ashaninka e algumas empresas do setor de cosméticos, os quais disputam os benefícios da comercialização do sabonete de murmuru. O sabonete é produzido a partir do óleo de murmuru – recurso tradicionalmente utilizado pelos Ashaninka - o qual foi pesquisado, “cientificizado” enquanto conhecimento e incorporado na fabricação e comercialização por essas empresas. Embora esse não seja o foco do artigo, vale apontar as distintas concepções sobre o óleo de murmuru. Enquanto as empresas e instituições científicas o entendem enquanto substância ou componente químico, os Ashaninka entendem o murmuru como um outro humano “num corpo de planta”, sendo o óleo de murmuru o seu “cérebro”. Em última análise, a mesma coisa-sabão pode ser compreendida com base em histórias bem distintas, revelando o caráter subjetivo de coisas que nos parecem dadas.

Um último exemplo a ser mencionado é o caso do “sabão enquanto alimento”. Embora se saiba que muitos sujeitos “modernos” ou “ocidentais” tenham apetite por sabão (sendo então considerados casos médicos), privilegia-se aqui o contexto intercultural do encontro entre os europeus e os Inuítes. Sabe-se que os cetáceos apresentam uma estrutura corpórea gordurosa chamada “âmbar” (“*blubber*”) o qual pode ser utilizada para fabrico de sabão, velas e cosméticos, mas que também era considerada uma iguaria pelos Inuítes. Assim, é interessante ler a declaração de navegantes europeus ao ver um inuíte “comendo sabão”: “*I saw him cast many longing looks at the tempting piece of yellow soap which we were using, until at length his repeated Ay-yā’s of admiration determined me on making him happy, and he devoured it with delight*” (LYON, 1824, p.132). Espanto semelhante teve Edmond, e que ao observar algumas senhoritas, concluiu:

Se o sintoma principal da civilização é a crescente limpeza do corpo, nós temos uma prova de que a população gronelandesa é a raça mais retrógrada que existe [...] Um pedaço de sabão, o qual ironicamente nos ofereceram, foi dividido em pedaços iguais e comido pelas damas [Tradução nossa] (EDMOND, 1857, p.245).

Percebe-se o ponto a ser destacado. Aquilo que os europeus reconheciam como sabão, para os Inuítes era alimento; aquilo que uma dada empresa entendia como estrutura química, para os Ashaninka era parte de um ser semelhante. Portanto, as coisas não são coisas por si só, mas são delimitadas, recortadas do mundo através da percepção. Ainda que as coisas sejam devires, estas podem ser estabilizadas como um determinado objeto por determinados sujeitos.

Considerações finais

Em suma, refletir, de um lado, sobre a substância ou natureza de uma coisa, ou do outro, sobre sua objetividade e forma, é assumir a distinção entre estas categorias. Conforme argumentado ao longo do ensaio, uma vez que o sabão popularmente assume variadas formas, odores, substâncias e modos de preparo, a concepção hilemórfica se mostra inadequada para compreender tal questão.

Por outro lado, no sentido de Ingold, entender o sabão como uma coisa é trazer o sabão ou os sabões de volta à vida, e não aceitar, *a priori*, a definição de uma coisa por sua forma definida ou por uma descrição química. Por mais que o sabão seja idealizado, ele é sempre feito no engajamento com os materiais e com o mundo, com movimento, fluxo – e não um projeto pré-concebido ou como uma substância natural. O sabão é parte de um movimento, de um fluxo de materiais através da vida.

Nesse sentido, a antropologia de Ingold dialoga com o paradigma ecológico na medida em que entende o sabão como um devir estabilizado por aqueles aos quais estão engajados. Em outras palavras, um esforço de contextualizar o sabão-coisa como um devir em uma determinada malha de engajamento, seja a das “mulheres do sabão” de Minas Gerais, dos Ashaninka ou nos laboratórios de química.

E assim, pode-se então retomar o início do texto e a fala um dos habitantes de uma ecovila sobre o sabão. Para esse sujeito (ecológico), o sabão sai da cozinha junto com a água da pia, se mistura com a terra, é absorvido pelos vegetais do quintal, e através do fabrico “natural” é então reintroduzido. É claro, não se trata da mesma unidade de sabão, mas de um devir sabão que se apresenta na cozinha como parte de um fluxo de materiais, dos ciclos de nutrientes e do engajamento com os humanos. Nem natural, nem cultural. Seria possível uma visão mais ingoldiana do que essa?

NOTAS

* O autor, à época da submissão, cursava o 9º período do Curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: hugo.decf@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica. **REMEA. Rio Grande, RS. Nesp (mar. 2013), f. 59-79, 2013.**
- EDMOND, Charles. **Voyage dans les mers du nord à bord de la corvette la Reine Hortense.** Paris: Michel Lévy Frères, Libraires Éditeurs, 1857.
- EMPTOZ, Gérard. Des produits chimiques très recherchés: les acides gras pour la fabrication des bougies. **La naissance de la lipochimie industrielle au cours du XIXe siècle.** Centre de recherche sur la culture technique, Neuilly-sur-Seine (FRA),1991.
- GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures: Selected essays.** New York: Basic books, 1973.
- GIBBS, F. W. The history of the manufacture of soap. **Annals of Science**, v. 4, n. 2, p. 169-190, 1939.
- INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill.** London and New York: Routledge, 2000.
- INGOLD, Tim. **Being alive: Essays on movement, knowledge and description.** London and New York: Routledge, 2011.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- INGOLD, Tim. **Making: Anthropology, archaeology, art and architecture.** London and New York: Routledge, 2013.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos.** São Paulo: Editora 34, 1994.
- LYON, George F. The private journal of Captain GF Lyon, of H. MS. **Heels, during the recent voyage of discovery under Captain Parry.** London: John Murray, 1824.
- MARX, K. **O capital.** São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1996.
- PIMENTA, José; MOURA, Guilherme Fagundes. O sabonete da discórdia: uma controvérsia sobre conhecimentos tradicionais indígenas. **Edilene C. de Lima & Marcela Coelho de Souza. Conhecimento e cultura. Práticas de transformação no mundo indígena. Brasília: Athalaia**, p. 63-93, 2010.
- PINHEIRO, Paulo César; GIORDAN, Marcelo. O preparo do sabão de cinzas em Minas Gerais, Brasil: do status de etnociência à sua mediação para a sala de aula utilizando um sistema hiper-mídia etnográfico. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 12, n. 2, p. 355-283, 2010.
- STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014.
- VELHO, Otávio. De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico. **Mana**, v. 7, n. 2, p. 133-140, 2001.
- WISNIAK, Jaime. Michel. Eugène Chevreul. **Educación Química**, v. 13, n.2, 2002.

Recebido em 12/05/2015
Aprovado em 20/03/2017